

SAPERE AUDE

v. 12, n. 24, Jul./Dez. 2021 – ISSN: 2177-6342

DOSSIÊ: FILOSOFIA, EXISTÊNCIA E LIBERDADE

EDITORIAL

Na sua essência, a *filosofia* é propriamente *metafísica*. Semelhante afirmação poderia, ainda hoje, provocar grandes contrariedades se o termo *metafísica* e seus limites não tivessem sido devidamente considerados e refletidos no final do século XX. Essa palavra passa a ser apreciada muito mais como um indicativo *procedimental* do que um conteúdo específico do pensar. Para que alguém seja um metafísico, não é necessário que se recorra a um *quid*, a uma ideia ou certa abstração um tanto verificável pelo puro intelecto. Mesmo porque, um puro intelecto, como um *in se*, soaria como transposição de características sensíveis para o registro *ultrassensível*. De fato, parece não haver intelecção que não seja intelecção de algo, reverberando o lema fundamental de Brentano, segundo o qual *consciência é sempre consciência de algo*. Enquanto procedimento, a *metafísica* é o ato de filosofar, um procedimento mental, espiritual, uma afecção mental quando se reflete sobre o mundo e a vida na busca do mais original. Dentre as inflexões do espírito humano, destacam-se duas ocupações de grande valor que se apropriam da pauta humana de todos os tempos: *existência e liberdade*. A despeito de qualquer obviedade, é preciso perguntar: *existência e liberdade* são compatíveis? São concomitantes? Liberdade sugere escolha, coisa que fazemos todos os dias da nossa vida, mas escolhemos o nosso existir? Ou seremos livres independentemente das nossas escolhas? Considere-se que o ato humano de refletir parte de um ponto de vista (e parece não poder ser diferente); mas se ele advém de alguma perspectiva, de alguma anterioridade, esse ato será ainda livre? Antes do ato não haverá o *existir* da sua possibilidade? Mas é razoável falar de uma existência possível, de uma existência antes da própria existência?

Filósofos de todos os tempos se debruçaram sobre tais questões, nos mais diversos registros, à procura de explicações razoáveis. O presente número da revista *Sapere aude*, em especial os artigos do presente *dossiê* “*Filosofia, existência e liberdade*”, recolhem algumas dessas inquietações e nos convocam à meditação sobre essas coisas da vida.

O artigo de abertura do *dossiê* se coloca diante do *sistema de conselhos* defendido por Hannah Arendt para a constante instauração da liberdade na sociedade. Segundo José João

Neves, Arendt “sempre defendeu a liberdade e a participação política ativa e efetiva de todos os cidadãos”, por isso, os espaços públicos são fundamentais para que “os homens possam manifestar sua liberdade por meio de ação e do discurso na presença de seus pares”.

O texto elaborado por Gilmário Costa nos coloca diante do *Mundo do trabalho e estado de natureza em “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, de Engels*. Deixando-se guiar pela perspectiva segundo a qual “o monstro não é homem, mas pode tornar-se homem quando quiser”, ele põe em destaque o estado de natureza hobbesiano como inerente à organização da vida social. Nas pegadas de Engels, confirma-se aqui “uma situação irônica, pois a ‘guerra de todos contra todos’ abrigava-se então no próprio Estado”. Como apresentar uma alternativa para a vida social sem se incorrer em conclusões fatalistas?

Klinger Scoralick, em *O começo da liberdade em Schelling*, se ancora nas reflexões de Schelling na busca pelo fundamento da liberdade. Certamente aqui “metafísica do irracional” não significará renúncia da razão, mas uma crítica ao princípio de identidade, detentor da violenta identificação do *uno* como absoluta dimensão originária, trágica, em favor da liberdade originária.

A liberdade em Nietzsche, de Francisco Freire, pensa na “autotranscendência imanente” como fundamento e princípio normativo para a liberdade. Segundo Freire, não há em Nietzsche um *aut aut* entre liberdade e fatalismo, os quais devem ser caracterizados como faces de uma mesma moeda. O pseudoparadoxo se resolveria no imperativo “deves tornar-te quem tu és”.

Por sua vez, em *As dimensões da existência no pensamento de Søren Kierkegaard e Albert Camus*, Tales Macêdo e Alberto Luiz colocam em relação os “estádios existenciais” kierkegaardianos e a “noção do absurdo” de Camus, evidenciando a influência de Kierkegaard em Camus, de modo especial, no que tange à concepção de existência.

Thiago Delaíde reflete sobre o vínculo existente entre *ser* e *tempo* mediante a pergunta: “*Que sentido tem o tempo para o ser?*”. A *temporalidade* emergirá como horizonte de sentido do ser ao se passar “pela compreensão existencial do *Dasein*” em direção da aceção do “sentido que Heidegger dá ao tempo à luz do fenômeno da morte”.

Alterocídio e necropolítica: análises sobre as políticas de extermínio em Achille Mbembe, texto elaborado por Thiago Teixeira e Thaís Luz, reflete sobre a “fabricação” do inimigo, constitutiva das políticas de extermínio: recusa-se qualquer dessemelhança, tendo como referencial o estabelecido por políticas de “desfiguração radical da humanidade”, cujos alvos são mulheres negras e homens negros, porque revelam pluralidade.

Boa leitura a todos!